

LABHOI-UFF

Complexo do Valongo

Inventário dos Lugares de Memória do Tráfico Atlântico de Escravos e da

História dos Africanos Escravizados no Brasil

Portos de chegada, locais de quarentena e venda/ Casa, Terreiros e Candomblés

Local: Cais do Valongo – Rio de Janeiro - (RJ)

Em 1774, o Vice-Rei Marquês do Lavradio determinou que passasse a ficar “fora dos limites da cidade” do Rio de Janeiro o comércio de africanos. O novo local escolhido para esse comércio foi o Valongo, entre a Pedra do Sal e a Gamboa. A ideia, com propósito de não contaminar a cidade, era isolar os recém-chegados que ali esperariam a venda para depois saírem diretamente pelo mar, através do Cais do Valongo e outros trapiches próximos. Estima-se que passaram pela região quase 1 milhão de africanos. A partir de 1831, com a proibição do tráfico de africanos pelo Governo Imperial, a entrada de escravos pelo Valongo diminuiu significativamente e os comerciantes tiveram que buscar maior discríção nos negócios de africanos. Procuraram locais mais seguros para o tráfico, em geral, em praias isoladas, mas não muito distantes dos pólos dinâmicos da economia brasileira, como as regiões cafeeiras do sudeste, que requisitavam mão de obra escrava africana.

Referência:

HONORATO, Claudio de Paula. Valongo: o mercado de escravos do Rio de Janeiro, 1758 a 1831. Dissertação de mestrado. Universidade Federal Fluminense (UFF). Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Departamento de História. Rio de Janeiro, 2008.

Consultor: Claudio Honorato.

LABHOI-UFF

Complexo do Valongo

Inventário dos Lugares de Memória do Tráfico Atlântico de Escravos e da

História dos Africanos Escravizados no Brasil

Portos de chegada, locais de quarentena e venda/ Casa, Terreiros e Candomblés

Local: Cemitério dos Pretos Novos – Rio de Janeiro - (RJ)

Os africanos recém-chegados (os pretos novos) que não conseguiam resistir aos sofrimentos da viagem tinham como destino final uma vala comum onde seus corpos eram depositados e incinerados. O Arquivo da Cúria Metropolitana do Rio de Janeiro registra, entre 1824 e 1830, um total de 5.868 mortes de pretos novos na Freguesia de Santa Rita. Em 1830, o cemitério foi fechado. Em função do aumento populacional da área, começou a ser criticado pelo fato de exalar mau cheiro pela região próxima e de gerar doenças na cidade. Os vestígios arqueológicos do Cemitério dos Pretos Novos foram recentemente descobertos, após obra de reforma em uma casa particular. No local foi criado o Instituto de Pesquisa e Memória Pretos Novos. As investigações realizadas comprovaram a presença de uma população predominantemente jovem, originária da África Central.

Referência:

PEREIRA, José Julio Medeiros de S. À flor da terra : O Cemitério dos Pretos Novos no Rio de Janeiro. Dissertação de mestrado. Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Departamento de História. Rio de Janeiro, 2006. Portal Arqueológico dos Pretos Novos. Disponível em: <http://www.pretosnovos.com.br>. Acesso em: 05 de novembro, 2012.

Consultor: Claudio Honorato

LABHOI-UFF

Complexo do Valongo

Inventário dos Lugares de Memória do Tráfico Atlântico de Escravos e da

História dos Africanos Escravizados no Brasil

Portos de chegada, locais de quarentena e venda/ Casa, Terreiros e Candomblés

Local: Lazareto da Gamboa – Rio de Janeiro – RJ

O Lazareto abrigava africanos que precisavam de quarenta, pois chegavam com moléstias epidêmicas ou contagiosas. A construção original, de 1810, foi realizada por três negociantes de escravos, João Gomes Valle, José Luiz Alves e João Álvares de Souza Guimarães. Os negociantes alegavam que a Ilha do Bom Jesus, local oficial para a quarenta, era muito distante do Valongo, causando prejuízos aos seus negócios. Por terem custeado a obra, recebiam, a título de ressarcimento, um aluguel no valor de 400 réis por cada escravo recolhido nas suas instalações. Localizado atrás do Monte da Saúde, na Gamboa, o lazareto teria capacidade para receber de uma só vez aproximadamente mil escravos. O edifício não existe mais, mas o terreno pertence ao Banco Central do Brasil.

Referência:

HONORATO, Cláudio de Paula. Valongo: o Mercado de Escravos do Rio de Janeiro, 1758-1831. Dissertação de Mestrado - PPGH-UFF. Niterói, 2008.

Consultor: Cláudio Honorato

LABHOI-UFF

Complexo do Valongo

Inventário dos Lugares de Memória do Tráfico Atlântico de Escravos e da

História dos Africanos Escravizados no Brasil

Portos de chegada, locais de quarentena e venda/ Casa, Terreiros e Candomblés

Local: Mercado do Valongo – Rio de Janeiro - (RJ)

As atividades de recepção e manutenção do comércio de africanos escravizados, como alimentação, transporte, cura de doenças e enterramentos, envolveu o trabalho de muitos escravos e africanos. A Rua do Valongo (atual Rua Camerino), caminho entre a cidade e o cais, era o local dos barracões, galpões e sobrados, onde se amontoavam até 400 escravos em condições insalubres e desumanas.

Referência:

HONORATO, Claudio de Paula. Valongo: o mercado de escravos do Rio de Janeiro, 1758 a 1831. Dissertação de mestrado. Universidade Federal Fluminense (UFF). Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Departamento de História. Rio de Janeiro, 2008.

Consultor: Claudio Honorato.

LABHOI-UFF
Complexo do Valongo
Inventário dos Lugares de Memória do Tráfico Atlântico de Escravos e da
História dos Africanos Escravizados no Brasil
Portos de chegada, locais de quarentena e venda/ Casa, Terreiros e Candomblés

Local: Ilê Axé Opô Afonjá – Salvador (BA) e Rio de Janeiro (RJ)

O terreiro foi fundado em 1910, no bairro de São Gonçalo, por Eugênia Ana dos Santos (1869-1938), Mãe Aninha, filha de pai e mãe africanos. Conta-se que um terreiro anterior a 1910 foi fundado por Mãe Aninha, Bamboxé e Joaquim Vieira da Silva (Obasaniá), os dois últimos africanos, no bairro da Saúde, no Rio de Janeiro, em 1886. Um primeiro assentamento para Xangô Afonjá teria sido feito próximo à Pedra do Sal, Rio de Janeiro.

Referências:

ROCHA, Agenor Miranda. Os candomblés antigos do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Mauad, 2000, p. 25

AUGRAS, Monique e SANTOS, João Baptista. “Uma casa de Xangô no Rio de Janeiro”. IN: Carlos Eugênio Marcondes de Moura (org.), Somàvo. O Amanhã nunca termina. Novos escritos sobre a religião dos voduns e orixás. São Paulo, Empório, 2005.

Consultor: Nicolau Parés

LABHOI-UFF

Complexo do Valongo

Inventário dos Lugares de Memória do Tráfico Atlântico de Escravos e da

História dos Africanos Escravizados no Brasil

Portos de chegada, locais de quarentena e venda/ Casa, Terreiros e Candomblés

Local: Pedra do Sal – Rio de Janeiro – RJ

Tombada pelo Instituto Estadual do Patrimônio Cultural (INEPAC), em 1987, a Pedra do Sal é considerada um marco cultural da africanidade brasileira, espaço ritual consagrado e o mais antigo monumento vinculado à história do samba carioca. Como nas redondezas se carregava o sal, popularizou-se como Pedra do Sal. Segundo o parecer do historiador Marcelo Moreira Ipanema, membro do Instituto Histórico Geográfico Brasileiro (IHGB), ali se instalaram os primeiros negros da Saúde, encontraram-se as Tias Baianas, soaram os ecos das lutas populares, das festas de candomblé e das rodas de choro. A Pedra do Sal sofreu um impressionante corte, na década de 1830, quando foi aberta a Rua Nova de São Francisco da Prainha (hoje Sacadura Cabral). Realizada com o braço escravo, a obra contou com a presença de muitos africanos, como Mariano Mina, Vicente Moçambique, Antonio Benguela, Antonio Congo, Manoel Mina e Ignacio Moçambique.

Referência:

MATTOS, Hebe e ABREU, MARTHA. Relatório Histórico-antropológico sobre o Quilombo da Pedra do Sal: em torno do santo, do samba e do porto. In: O'Dwyer, Eliane Cantarino. O fazer antropológico e o reconhecimento de direitos constitucionais. O caso das Terra de Quilombo no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, E-papers, 2012

Consultor: Martha Abreu

LABHOI-UFF

Complexo do Valongo

Inventário dos Lugares de Memória do Tráfico Atlântico de Escravos e da

História dos Africanos Escravizados no Brasil

Portos de chegada, locais de quarentena e venda/ Casa, Terreiros e Candomblés